

# A NOVIDADE

Folha critica, litteraria e recreativa

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

ADMINISTRADOR—B. C. DE FARIA

N. 4

Abril de 1883

ANNO 1

## LEITORA

Ao entrar no quarto mez de existencia, a *Novidade* seria ingrata, se não agradecesse do intimo d'alma, aos assignantes que sempre receberam-na com tão bom humor.

Afim de organisar algumas coisas que tinha em desordem, resolveu abrir na folha trez secções: «Bello sexo,» «Correspondencia,» «Charadas,» «Logogriphos,» etc. etc., offerecendo ao primeiro decifrador dessa ultima secção um premio. Aproveita tambem o ensejo para regularisarda seguinte forma o corpo da folha :

### PROPRIETARIOS E REDACTORES

Bernardo Coelho de Faria.  
João de Pino e Machado.  
João Zacharias G. do Amaral.  
Bellarmino Franklin Baptista.

### COLLABORADORES

João Paes Leme da Costa.  
Luiz Soares da Nobrega.  
Americo Guimarães.  
Carlos de Miranda Ribeiro.

Ficando com a parte administrativa o Sr. Bernardo C. de Faria.

Espera das leitoras a mesma protecção que até agora tem sabido dispensar, fazendo de sua parte todos os esforços, para que ella se torne digna de ser lida e re-lida por VV. EExas. como tem sido até a presente data.

*A Novidade.*

## HUGO LEAL

A morte sempre implacavel. sempre cruel veio arrebatat-nos mais um ser adorado, mais um filho querido de nossa desventurada patria.

Acaba de cahir, ferido pelo raio fulminante da morte mais um dos campeões do progresso, mais um dos soldados da litteratura que como Tasso o illustre cantor da «Jerusalem Libertada», e Homero o immortal poeta mendigo, can-

tor de «Illíada» e da «Odisséa», lutaram até o fim sem outra mira senão a de legar à posteridade a gloria de sua patria e o santo exemplo às gerações do futuro.

Hugo Leal viveu n'uma continualucta e morreu luctando.

Alma nobre, como que temperada ao soffrimento das contrariedades do mundo via-se elle sempre com a fronte altiva, a sorrir, vencer as maiores difficuldades que se lhe oppunham,

As suas poesias bellas no fundo, ricas de pensamento, meigas como o canto da pobre rola que vê morrer sem amparo o infeliz amante, são obras que por si só elevam o verdadeiro merito do joven poeta que tanto honrou á litteratura brasileira.

A *Novidade* cobre-se de lucto pela irreparavel perda que acaba de soffrer nossa desventurada patria e muito particularmente a nossa litteratura.

— «:» —

## BOA IDEIA

Tivemos occasião de visitar na semana passada o novo «atelier» especial para medidas, provas e experiencias de roupas de encomenda da grandiosa «Alfaiataria Aguiá de Ouro» sita a rua do Hospicio n. 92.

Ninguem teve como o Sr. Ferreira de Mello tão boa ideia.

Folgamos de ver a boa ordem e commodidade para qualquer freguez que se apresente. A pouco tempo inventou elle o «Medidor Instantaneo» que tem dado magníficos resultados, tambem é pae de uma menina muito «rabina» e risonha que, na pia baptismal da imprensa tomou o nome de «Gaz-tinha Aguiá de Ouro,» negociante activo e honrado que tem sabido angariar sympathias e amizades.

Qual!... decididamente o Sr. Ferreira de Mello quer elevar a sua alfaiataria a altura de um principio; faz bem, e um abraço com «fuego».



## Variedade

## UM DIA NO CAMPO

A' MEU MESTRE E AMIGO O

*Dr. A. H. de Noronha*

Ao som de clarins e bandas marciaes, que annunciavam o raiar do memoravel dia Sete de Setembro, despertou um joven estudante que presuroso correu á janella para melhor apreciar os fulgores da alvorada.

Ante seus olhos, o dia acordava magestoso e altivo para dar maior brilho as festas da Independencia.

Enthusiasmado o joven estudante pelas bellezas da manhã retirou-se da janella e momentos depois, vimol-o sahir.

O seu trajo era correcto e cheio de elegancia; os olhos e cabellos pretos, os dentes alvos e perfeitos, e para completar esse todo harmonioso, destacava-se em seu rosto pallido e moreno um gracioso buço.

Este joven poderia ter dezeseite a dezoito annos.

Caminhava rapido e agitado; chegando á praça d'Acclamação, tomou um bond que o conduziu ao mais aprazivel de nossos arrabaldes.

Sigamol-o em seu pittoresco passeio.

Seguia o joven estudante, encostado ao balaustre do bond; cada vez que este parava, pintava-se em seu rosto a impaciencia.

Ora ria-se como parecendo scismar com um pensamento agradável, ora ficava mudo e quedo recolhido em seus intimos devaneios.

Parando á rua d... dirigiu-se a um poetico chalet que escondia-se por entre magestosas mangueiras; tocou a campainha e veio recebê-lo uma moreninha de quatorze para quinze annos, travessa e bella murmurando as seguintes palavras:

—Pensei que não viesse.

O estudante complimentou-a cheio de uma polidez amavel e sorriu-se, com uma dessas expressões que demonstram o contentamento de uma alma apaixonada dizendo:

—O promettido é devido.

A moreninha fechou o portão, tomou-o pelo braço e dirigiram-se ao poetico chalet.

Entremos ahi juntamente com os dois namorados; que abriram a porta principal do chalet, dando communicação a uma confortavel sala de visitas.

A linda moreninha fez-lhe signal para que se assentasse, e retirou-se.

(Continúa).

JOAO PAES LEME DA COSTA

Temos em nossas mãos os numeros 1 e 2 da «R-vista do Ensino» publicação mensal em fasciculos de 16 paginas; trata de diversos assumptos relativos a instrucção. Agradecemos.

## O ALVORECER

Lá no espaço; na immensidade, no infinito, começa a lucta das trevas contra a luz: o horizonte cobre-se de cores: de prismas poeticos, quaes matizes; o reflexo dourado do astro rei sobre os pincares mais altos do granito, encanta a vista e sorprehende a imaginação. O canario sacode as pennas aljofradas de orvalho e solta trinados harmoniosos; a patativa canta alegre. O céu clareia e borda-se de ambientes azulados. A brisa prepassa sibillando na folha larga da palmeira e vai beijar a face da namorada vigilante, a rosa, o lyrio; o jasmim oscilla brandamente aos suaves balanços do zephiro, que murmureja docemente na laranjeira florida; a natureza desperta e a magnolia abre seu calix perfumada. As gaivotas, recortando os ares, dansão doudas e vão oscular a superficie verde do oceano. Os gallos soltão seus cantos stridentes satisfeitos e contentes. O lavrador toma o arado e começa a preparar a terra para receber em seu seio a semente germinadora; as ovelhas principiam a ballar e o gado a mugir. As flores enchem a atmosphaera de perfumes que embriagam os sentidos.

Na floresta as feras começam a procurar alimento para seus instintos carnicieiros. Nas cidades, o movimento enceta-se e a população ergue-se para iniciar os seus afazeres. Nos mares as embarcações cruzam-se em pontos diversos em demanda de seus destinos. Por toda a parte a vida, a animação, saudações a aurora, ao despertar do dia. O sol apparece e deixa n'agua a esteira de seus raios luminosos, o dia levanta-se e a luz inunda o universo.

Amanhece!

AMERICO GUIMARAES.

—

Recebemos um *Alfinete* «mas não de metal» mimoso jornal, órgão dos interesses da parochia do Espirito Santo: lemos e o apreciamos.

Ao collega um abraço pela visita, mas com geito;... não vá espetar-nos.

—«:»—

## PERGUNTA

Acaso será loucura  
Alimentar uma paixão?  
Render culto a formosura  
Acaso será loucura?  
Leitora dai-me a ventura  
De responder—sim ou não  
Acaso será loucura  
Alimentar uma paixão?

B. F. BAPTISTA.



## A' TARDE

## (APRECIACÕES)

A' tarde... depois que a leitora sahe da meza de jantar, dirige-se ao seu *toilette* prepara-se *come il faut*, em seguida toca seus mimosos dedos em um magnifico *Pleyer* recorda alguns pedacinhos da *Mascotte*, *Mimosa*, *Canção de pai Martinho*, *Cara Dura* e outras polkas que a distrahem, até mesmo para não estar pensando na *tal cousa*, vai a janella apreciar quem passa (o sol quando vê V. Ex. chegar a janella, immediatamente retira-se encastrado). Depois de V. Ex. ter cumprimentado as suas vizinhas do 42, aquellas moças travessas do 48, ter dito adeus com os dedos ao nhô-nhô filho do Dr. que mora perto de casa, depois de ter cumprimentado *seccamente* as filhas do major, moças aliás que não cahirão na subida graça de V. Ex. depois de feito tudo isto V. Ex. do sobrado mede com os olhos ternos toda a rua, impacienta-se, desespera-se, e dá pouca importancia quando vê um moço passar, e sem a conhecer encaral-a — por estas apreciações V. Ex. conhecerá o admirador.

O que passa regularmente vestido, pensativo, que a olha de relance, é poeta que, querendo vêr alguma prenda que só V. Ex. á possue quer d'isto fazer uma poesia.

O que passa com um certo *que* olhando para todos os lados, muito serio, que a encarando, pára e observa, com certeza é critico ou folhetinista (cuidado com estes não faças nada que elles o possam notar).

O que passa, olha e segue, é jornalista.

O que passa, bem vestido, (á moda sempre) que a olha, e manda-lhe de presente algum sorriso malicioso, este quer namoral-a.

O que passa serio, triste e pensativo, com certeza está apaixonado.

O que passa alegre, risonho, assoviando qualquer pedacinho do Boccacio, de cigarrinho na bocca desprendendo fumaças suffocantes e aromaticas, este com certeza vai vêr a *pequena*,

O que passa encara-a muito, e que continuando a andar vira com certa elegancia o pescoço para olhar mais uma vez, este infeliz — com certeza a viu no Mozart. Cassino, Sant'Anna, ou em qualquer soirée.

O que passa perfumado de triple *es-trait de Violeta*, *Kadsura*, *Mascotte* ou *Bouquet de l'Exposition* é com certeza filho de graúdo, ou rapaz abonado.

C que passa admira-a e segue, — este com certeza é artista.

O que passa e olha quer dizer que não á pretende — já tem.

O que passando, olha e maldiz baixo de V. Ex, este com certeza já sabe o que são *sogras*.

A uns V. Ex. despede um dos seus

numerosos sorrisos, a outros vira o rosto mimoso enganador e chic.

Estes mais tarde vem cahir na sympathia de V. Ex.

Até a primeira vista.

AIRAF.

## RECUERDO

## I

Era uma d'essas bellas tardes de Abril em que o sol, magestoso como nunca, banhava seus raios de fogo e luz nas tranquilladas ondas da formosa bahia de Cadiz.

Bem me lembra!... Como era feliz n'aquelle dia!...

Tinha a meulado, na Alameda, uma divinal criança; suas mãos entrelaçadas ás minhas e nossos olhares fixos n'um mesmo ponto: o horizonte.

Como era bello aquelle quadro!... Ao longe um navio com as vellas despregadas domava com sua quilha de ferro, a furia das ondas; o sol a doirar o mar, a Alameda concorrida como poucas vezes.

Nem o mais leve ruido interrompia o silencio da tarde. A natureza, o homem tudo emfim, rendia homenagem respeitosa ao rei dos astros que ao longe se occultava.

Inebriado ante tão bello quadro, voltei o meu olhar para minha absorta companheira e depois de contemplar a sua meiguice e belleza extraordinaria disse-lhe, louco de paixão, estas palavras:

*Lolita. tu me amas?*

Nada respondeu. Deixou vir aos labios um sorriso que banhou logo em lagrimas e apontando para o horizonte apertou com effusão a mão que tinha presa entre as suas.

O sol tinha-se escondido. A noute estendia já o seu manto cravejado de brilhantes sob a abóboda celeste, quando ouvi, entre soluços, estas palavras que gravaram-se no intimo de meu coração:

Estrangeiro! Porque me olhas?... Porque teu coração me engana? Podes mesmo ter paixão a quem não viu o bello céu de teu paiz, a magestade das noutes de luar!... Deixa a pobre criança viver de suas crenças, amar os seus sonhos; porque alimentar queres, com tanto empenho uma paixão á qual não podes nem debes corresponder?

As mulheres de teu paiz poderão captivar-te ao seu amor: têm meritos para isso... porém eu, pobre andaluza, o que sou?

Tu finges amar-me... e eu adoro-te... Mas... vae-te, americano, não me faças desgraçada.

Depois... o silencio!

Quiz protestar mas ella sellou meus labios com um beijo quente, — febril...

N'aquelle instante, a lua abrindo-se passo entre as nuvens, surprehendeu-nos abraçados, loucos de amor...

● JOÃO DE PINO.



## Poesias

## VOZ BELLEZA

De meiga formosura o imperio ameno  
A vista enleva, a mente excita ou calma,  
A buscar nos impelle eterna palma,  
De gloria; ou do martyrio o pezo extreno.

Da meiga voz o mavioso threno  
N'um peito desditoso a dor acalma;  
Suave crença nos infunde n'alma,  
Torna da vida o céu puro e sereno.

Soe do brado a voz; si a lyra amada  
Ao sopro emmudeceu da desventura,  
Inda uma corda tem, a ti sagrada.

Teceu-te o genio uma grinalda pura  
Das duas de que tens a fronte ornada:  
Sonora voz, e excelsa formosura.

LUIZ NOBREGA.

## AVE-MARIA

Da cazinha em symetria  
A mimosa trepadeira  
S'enrola em mais de mil formas  
Nos galhos d'uma romeira.  
Por entre as flores do campo  
A aragem fresca desliza.  
O côlibri beija as flôres  
Suspira a travessa Eliza.  
A noite vai-se fechando  
E uma familia chegando . .  
A palida lua surgia;  
Dobra o sino a Freguesia  
E na capella da casinha,  
Se reza a Ave Maria

B. C. FARIA

— «:» —

Fundou-se no dia 20 de Março do corrente anno uma sociedade litteraria que tomou por escudo o nome do immortal *Gonçalves Dias*, o pranteado *Cantor dos Timbyras* e outras produções de subido valor. Eleita a directoria, ficou assim composta : Presidente, Arthur D. da Costa; Vice-Presidente, Americo Guimarães, 1º Secretario, Honorio dos Santos Brito, 2º Secretario, Eduardo Vellez, Thesoureiro, Joaquim Ozorio e Bibliothecario, Lucio de Souza.

— «:» —

## VISITAS

Temos recebido até esta data os seguintes jornaes :

Corsario, Nictheroyense, Bicho, Gazetinha Aguiá de Ouro, Provinciano, Cruzada, Jornal dos Economistas, Sapucaense, Cometa, Echo Bananalense, Nihilista, Lanterna, Evolucionista, Lincoln, Artista, Espectador, Alfinete, Revista do Ensino e Basculho.

A todos, os nossos agradecimentos.

Faz annos no dia 21 a Exma Sra. D. Emilia Rodrigues,  
A *Novidade* comprimenta a V. Ex.  
e desêja todas as felicidades.

— «:» —

## O CASAMENTO

(Continuação)

## XVI.

E, preciso respeitar o casamento enquanto não é mais do que um purgatorio, e dissolvê-lo assim que passa a ser um inferno.

ERASMO.

## XVIII

Há alguns bons casamentos, mas não há um unico delicioso.

LA ROCHE FOUCAUD

## XVIII

O casamento é uma asneira feita entre dois, e que depois se torna n um grilheta para trez ou mais

SHAKSPEARE.

## XIX

O laço do casamento é as vezes tão apertado que fêre profundamente aquelle que une.

PH. DE VARENNE.

## XX.

O casamento é o tumulto do amor.

BALZAC.

— «:» —

Herminia não me enfeitices  
Com teu amor de criança;  
Com constantes pieguices,  
Herminia não me enfeitices;  
Que estas tuas meninices,  
Não me sah em da lembrança,  
Herminia não me enfeitices  
Com teu amor de criança !

BELLARMINO F. BAPTISTA.

## A UNS 16 ANNOS

Um anjo da tua idade  
Formoso como tu és  
E' digno de felicidade  
Um anjo na tua idade.  
Um coração sem liberdade  
Merece ter a seus pés  
Um anjo na tua idade  
Formoso como tu és.

B. F. BAPTISTA.

— «:» —

## O GLOBO

Acabamos de perder mais um collega na imprensa: o *Globo*, folha que prometia mas afinal de contas, deu-lhe a *macaca* em casa, e o que se ha de fazer?... nada, . . ah! caiporismo, ah! caiporismo